

Prédios de um Pilar Só

Série Visão Ministerial – Estudo I



Meditando em vários casos envolvendo lideranças de vários escalões, dentro e fora das igrejas, tomei para mim uma lição que tenho me esforçado para aplicar em meu ministério à medida em que confirmo a sua realidade e o quanto conhecê-la o tem solidificado.

Agora, com a disponibilidade do espaço na web, senti permissão de Deus em possibilitar que esse aprendizado beneficiasse outros líderes, publicando-as no jornal O Conselheiro, da nossa igreja, e na internet.

Ao longo do tempo, pude observar o modo como pastores, missionários, evangelistas e líderes dentro das igrejas, bem como empresários, gerentes, encarregados e líderes fora delas, têm alcançado sucesso ou fracasso em suas gestões, em diferentes ocasiões e circunstâncias.

Verifiquei como alguns recebem e absorvem projetos e planos dos seus antecessores e como outros simplesmente os ignoram, anulam ou os plagiam com outros nomes.

Nessas observações, descobri que havia uma característica comum que só se diferenciava quanto ao ponto ou etapa em que cada personagem, de cada caso, estava vivendo.

Verifiquei que, apesar de alguns desses líderes estarem trabalhando com dedicação e honestidade, contudo, todos estavam construindo “*prédios de um pilar só*”, pois o que faziam, dependia exclusivamente de suas qualidades pessoais, tanto para se firmar quanto para se manter.

Como num prédio de uma única pilastra, da qual toda a estrutura dependeria unicamente para se sustentar, os projetos desses líderes se mantêm em pé e prosperando enquanto eles também se mantêm ativos e perseverantes no comando (no mundo secular é consenso, por exemplo, que o império Matarazzo, entre outros casos semelhantes no Brasil, nunca mais foi o mesmo depois da morte do barão).

No mundo cristão, são muitos os exemplos de prédios desmoronados ou em ruínas, ou seja, ministérios e igrejas que foram ao chão depois que seus dirigentes caíram em algum escândalo, ou adoeceram, ou envelheceram ou morreram.

As lições do passado, até hoje, movem a nossa atenção para o fato de que muitos ainda não descobriram essa realidade.

Ainda hoje, muitos líderes se entronizam “no cume dos montes” e de lá despacham as suas ordens aos seus “fiéis súditos”, não percebendo o que os aguarda no futuro.

Nas igrejas, o caso se apresenta com pastores que se deixam engrandecer ao ponto da idolatria, os quais, sempre ensinam o povo a ouvi-los, apoiá-los e admirá-los, mas muito pouco, ou nunca, a falar ou agir por si mesmos.

Essa postura, que pode até se fundamentar em princípios de zelo e preservação, ao longo do tempo, porém, acaba se mostrando ineficiente e ingrata para os próprios líderes, especialmente os cristãos, pois tendo ensinado seus irmãos apenas a ouvi-lo, mais tarde, quando um líder se ver oprimido ou abatido por alguma enfermidade, sua ou de alguém que ame, ou pela fadiga do excesso de trabalho, não terá um conselheiro que esteja, ou se considere estar, à altura de aconselhá-lo (como pôde fazer Jetro, o sogro de Moisés – Êxodo 18).

São muitos os casos em que líderes, de todos os níveis dentro das igrejas, morrem esquecidos e sozinhos em seu posto de comando, ou quando não, alienados, excluídos ou exilados espiritualmente.

Em outros casos, em que são obrigados a renunciar ou passar seu posto, sofrem muito ao ver a obra governada por pessoas que não possuem e nem preservam a visão original.

No mundo cristão, esses casos são tão graves que, hoje em dia, se tem seitas de abrangência mundial originadas de movimentos cristãos, a princípio, tementes e de boas intenções.

Mas o que leva um líder a uma situação tão assoladora?

A razão comum a todos os casos é o desgaste e a fadiga.

Não importa se o contexto de cada um se baseia em casos de isolamento, ou de falta de exemplo, ou de recursos ou falta de reconhecimento, sempre chegará o dia de se “passar o cajado”.

Por causa desse desgaste e fadiga é que muitos se transformam em líderes ditadores e autoritários, outros em homens desesperados que, às vezes, renunciam família e até cuidados pessoais, usando todos os seus recursos, como que num gesto de último ato, na ansiedade de ver se conseguem salvar seus ministérios.

Ainda há os casos, menos dramáticos, em que os “*prédios de um pilar só*” são representados por líderes bem-sucedidos material e espiritualmente.

Esses casos são os mais difíceis, no que se refere à consciência dessas lideranças ao que estamos denunciando aqui pois, convencidos de que “Deus está abençoando!”, se encontram entusiasmados demais com os resultados para tomarem o cuidado de precaverem, a si mesmos e a obra de Deus, para o amanhã.

Existem duas fórmulas que tenho reconhecido serem muito importantes para os líderes que desejarem se prevenir ou se libertar desses problemas.

Ambas exigem certo grau de discipulado.

A primeira consiste em o líder começar a compartilhar seu pastoreio com aqueles que dividem com ele, tanto a tribuna quanto o respeito e a reverência da igreja, especialmente os seus copastores.

Deve trabalhar para que a sua visão e as suas ideias possam ser comentadas e apoiadas por eles, para que as suas decisões, ao longo do tempo, não venham a ser excessiva, ou desnecessariamente, criticadas.

Também deve incluir nesse trabalho, diversos tipos de investimento neles para que as suas opiniões se tornem mais consoantes com a da liderança principal.

Investimentos como informação sobre a igreja, capacitação ao ensino e ao pastoreio, acesso às opiniões, à estima e à visão da presidência, além da consciência dos seus direitos e deveres como ministros.

A segunda diz respeito àquele líder que governa solitariamente.

Ele deverá descer “do monte” até ao rebanho, e lá, buscar pelo menos um indivíduo (melhor se puder encontrar dois ou três) com traços de retidão, lealdade a Deus, amor pelas pessoas de dentro e paixão pelas pessoas de fora da igreja, para então, o discipular e formá-lo no comando ou na coliderança, com os mesmos cuidados do caso anterior.

Cada comandante que um líder conseguir estabelecer, será mais uma coluna sob os vigamentos do seu ministério.

Entretanto, ele deve tomar cuidado para que não ocorra de eleger alguém que, sob uma aparência de apoio, esteja mascarando uma ambição de ocupar a primeira posição.

Todos os auxiliares diretos do pastor devem ser pessoas aliadas e aliançadas com ele na missão de fazer valer a visão dada por Deus para a igreja local ou para a denominação na qual O servem.

Na Casa do Senhor, ninguém deve assumir ou desocupar um posto de comando por causa de credenciais, ou divisas, ou qualquer outra coisa que não seja uma ordem dada pelo verdadeiro Dono da igreja.

Qualquer um que se mover de seu lugar sem essa ordem, com certeza terá problemas no desenvolvimento e nos frutos do seu ministério.

Uma visão que recebi de Deus, em certa ocasião, me ensinou que todo aquele que, sob ordem do Senhor, assume qualquer responsabilidade, terá como cobrar-Lhe o amparo no tempo da luta, mas àquele que agiu por ambição, vaidade, cobiça ou “*por que não havia outro!*” só resta a humilhação e a agonia de ver a reprovação do Senhor acrescentada ao seu fardo de tribulação.

Essa pode ser, inclusive, a razão da existência de alguns “*prédios de um pilar só*”.

Para estes, o conserto requererá que, antes da aplicação de qualquer uma das estratégias recomendadas, se apliquem à reflexão e à consequente humilhação e reconciliação com Deus, a quem desobedeceram ou afrontaram com a sua arrogância.

Em alguns casos desse tipo, inclusive, pode ser que o conserto também requeira a renúncia do posto, dada a possibilidade de o mesmo ter sido ocupado por alguém que não possua a devida vocação e nem o mais importante: o “chamado de Deus”, o que implica na ausência de um mínimo de visão ou vocação para o exercício pastoral.

O que estou tentando passar pode estar soando dramático demais para alguns, mas é com conhecimento de causa que afirmo com ansiedade – o dano causado aos discípulos de um líder cuja pilastra tenha ruído vai, desde a simples dispersão, até à morte espiritual.

Assim como um prédio de única pilastra é sensível aos menores erros de projeto, do mesmo modo as menores falhas num ministério “monocomandado” podem gerar as mais terríveis crises.

O próprio Senhor Jesus deixou algumas lições que servem perfeitamente para embasar a nossa analogia.

Em Lucas 14:28-30, Ele deixou o alerta quanto ao erro de cálculo numa obra e, em Mateus 7:24-27 deixou o famoso ensino dos dois tipos de alicerce.

A razão de eu ter escrito este texto se firma na dura realidade que muitas igrejas enfrentam – algumas com a sua direção falida e agonizante e outras dominadas por pessoas rancorosas, ditadoras e ignorantes.

Até aqui me reservei a aconselhar os líderes, mas dada a situação de alguns, impedidos até de aceitar estas letras, volto-me à congregação, cuja força, baseada na aliança do sangue de Cristo, é de ordem espiritual e, mais forte, portanto.

Quando um grupo temente de irmãos percebe que a sua liderança está doente, estes devem se unir em jejum e oração e, depois, revestidos da graça de Deus, buscar oferecer-lhe ajuda, conscientizando o seu líder quanto a situação.

Se ao longo do tempo, após várias tentativas, não obtiverem sucesso, devem pedir ajuda às autoridades superiores da sua igreja, quando houver.

Devem tomar cuidado, entretanto, para não se verem estimulados por alguém que cobice o poder (como ocorreu com os seguidores de Absalão, filho do rei Davi), agindo de forma política e sob pretextos aparentemente espirituais.

Como num retoque final, desejo registrar aqui que uma irmandade se configura pela interação e integração de um grupo de pessoas e os seus líderes, ou seja, trabalham compartilhando e se completando com os seus talentos, de modo que, naquilo que um não souber fazer um outro suprirá a necessidade.

Não há lugar para a cobiça e nem para sentimentos como inveja, orgulho, vaidade ou ambição carnal, pois todos os talentos espirituais são concessões do Senhor, o qual tem poder para dá-los e poder para tirá-los.

Todos devem agir com cautela, portanto, porque o mau desempenho de um cristão trará como prejuízo menor a má fama sobre si mesmo, deixando o maior dano para a Palavra de Deus, a Igreja de Deus e o Nome de Deus, com quem haverá de prestar contas (Hebreus 4:13).

Sabendo de todas estas coisas, que haja esforços conjuntos em todas as comunidades, igrejas ou irmandades do Senhor, para que os seus prédios possuam muitos e fortes pilares.

Se ocorrer de um se trincar, rachar ou até cair, apesar de algum dano, a construção continuará bem amparada.

A graça do Senhor Jesus Cristo seja multiplicada entre os seus servos em todo o mundo.

Pr. Carlos V. Ricas

1ª edição: 20.set.1999
Última revisão: 05.set.21

. O conteúdo deste material pode ser compartilhado e divulgado livremente, desde que mencionada a fonte.
. Outros estudos e materiais de pesquisa do Pr Carlos Ricas, podem ser encontrados em seu website:
<http://www.temasbiblicos.com.br>